



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS
HUMANAS CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

MARILENE ALVES FERREIRA DE OLIVEIRA

**CARTAS DE LICENCIANDOS DE LETRAS DA UFERSA: ENTRE PERCALÇOS E
PERCURSOS NA FORMAÇÃO DOCENTE**

CARAÚBAS – RN

2021

MARILENE ALVES FERREIRA DE OLIVEIRA

**CARTAS DE LICENCIANDOS DE LETRAS DA UFERSA: ENTRE PERCALÇOS E
PERCURSOS NA FORMAÇÃO DOCENTE**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras Libras.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Maria da Rocha.

CARAÚBAS - RN

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

0048c Oliveira, Marilene Alves Ferreira de.
Cartas de licenciandos de Letras da UFERSA:
Entre percalços e percursos na formação docente. /
Marilene Alves Ferreira de Oliveira. - 2021.
40 f. : il.

Orientadora: Simone Maria da Rocha.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Libras,
2021.

1. Escritas de si. 2. Cartas. 3. Formação
docente. 4. Licenciaturas.. I. Rocha, Simone
Maria da, orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

MARILENE ALVES FERREIRA DE OLIVEIRA

**CARTAS DE LICENCIANDOS DE LETRAS DA UFERSA: ENTRE PERCALÇOS E PERCURSOS NA FORMAÇÃO
DOCENTE**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido, como parte dos requisitos para a obtenção de grau de Licenciado em Letras Libras.

Aprovado em:
28 de Maio de 2021

BANCA EXAMINADORA



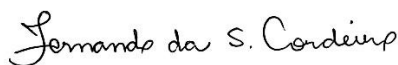
Prof. Dra. Simone Maria da Rocha
Orientadora



Prof. Dra. Maria Ghislenny de Paiva Brasil
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Examinadora



Prof. Me. Isabelle Fagundes Pinheiro
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Examinadora



Prof. Me. Fernando da Silva Cordeiro
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Suplente

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor Marilene Alves Ferreira de Oliveira, sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.



O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e todas as oportunidades que me concedeu.

Ao meu pai pelo incentivo ao estudo.

Aos meus filhos pelo apoio e motivação.

A turma a qual estou me formando pelo acolhimento e empatia.

Aos professores que tive a oportunidade de conviver e aprender durante a graduação.

A UFRSA e as pessoas que a fazem, em especial aos servidores terceirizados, pelos ensinamentos e momentos compartilhados.

A banca pela disponibilidade e contribuições.

RESUMO

O que contam licenciandos de suas vivências na universidade? Como se apresentam a si mesmos no futuro? Quais projeções fazem de si? O que destacam em suas escritas? Essas escritas podem nos ajudar a pensar a formação docente? São indagações que envolvem a tessitura deste trabalho. Tais questionamentos impulsionam o presente estudo, que tem por objetivo primordial identificar e categorizar, a partir da escrita de si dos discentes das Licenciaturas em Letras Inglês, Libras e Português, elementos que contribuam para compreender seus percursos vividos na Universidade, os desafios enfrentados e as perspectivas profissionais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em educação (ANDRÉ; LÜDKE, 2015), o *corpus* de análise são 8 (oito) cartas escritas por graduandos dos três Cursos de Letras do Centro Multidisciplinar de Caraúbas, escritas no semestre 2018.1, durante a participação no componente curricular, de caráter obrigatório, Psicologia da Educação. Para a realização deste trabalho levamos em consideração toda uma prática de leitura, textos, reflexões, diálogos, comentários, prática de escrita, diálogos com diferentes autores com o fim de um aprofundamento teórico, metodológico e que possa trazer efetivas contribuições para a formação desses graduandos. Dos achados destacamos quatro categorias: 1. *Jornada acadêmica: dificuldades em acompanhar o curso, desafios, obstáculos e inseguranças*; 2. *Família: entre motivações e desmotivações*; 3. *Docência: sonho de ingressar e de finalizar a graduação*; 4. *Projeções: um futuro de sonhos*. Com relação a primeira categoria observamos nas narrativas dos licenciandos suas jornadas acadêmicas, suas trajetórias, suas dificuldades, percalços e percursos como também desafios, obstáculos e inseguranças. Na segunda categoria que trata sobre família: motivações e desmotivações, tivemos memórias familiares como o suporte emocional ou como desmotivações a partir de críticas pela escolha do curso. Tivemos como motivações o desejo de mudanças e transformações na educação, como desmotivações foram indicadas, principalmente, as críticas feitas por parte de pessoas queridas, limitações, frustrações e dificuldades. A terceira categoria, por sua vez, apresenta questões relacionadas à docência: sonho de ingressar e finalizar a graduação. As narrativas nos demonstram que os graduandos estão compreendendo a docência em suas vivências e experiências na universidade, como início em uma nova língua, seja ela Portuguesa, Inglesa ou a Língua Brasileira de Sinais, bem como elementos culturais destas e dos seus usuários, assimilação e atuação de si mesmo, como, futuros profissionais em formação. Na quarta categoria temos as projeções profissionais e um futuro de sonhos. Nessa categoria os colaboradores da pesquisa projetam o caminho que vão trilhar e um futuro com grandes realizações e promessas cumpridas. Acreditamos que as narrativas autobiográficas ajudaram ao licenciando a se projetar em um futuro não muito distante e se projetar num futuro de sonhos e superações. Por fim, entendemos que as escritas de si são mecanismos profícuos na formação docente e contribuem, por um lado, para estimular a autoria na universidade, e, por outro, para processos de ressignificações da própria vida, pela narrativa de si.

Palavras-chave: Escritas de si. Cartas. Formação docente. Licenciaturas.

ABSTRACT

What do undergraduate students tell about their experiences at the university? How do they present themselves in the future? What projections do you make? What do you highlight in your writings? Can these writings help us to think about teacher education? These are questions that involve the weaving of this work. Such questions drive the present study, whose main objective is to identify and categorize, based on the writing of themselves from the undergraduate students in English, Libras and Portuguese Letters, elements that contribute to understand their trajectories lived at the University, the challenges faced and the professional perspectives. It is a qualitative research in education (ANDRÉ; LÜDKE, 2015), the corpus of analysis is 8 (eight) letters written by graduates of the three Letters Courses at the Multidisciplinary Center of Caraúbas, written in the semester 2018.1, during the participation in the curricular component, mandatory, Educational Psychology. To carry out this work, we take into account a whole practice of reading, texts, reflections, dialogues, comments, writing practice, dialogues with different authors in order to deepen the theoretical, methodological and that can bring effective contributions to the training of these graduates. From the findings, we highlight four categories: 1. Academic journey: difficulties in follow the course , challenges, obstacles and insecurities; 2. Family: between motivations and demotivation; 3. Teaching: dream of entering and finishing graduation; 4. Projections: a future of dreams. Regarding the first category, we observed in the graduates' narratives their academic journeys, their trajectories, their difficulties, obstacles and paths as well as challenges, obstacles and insecurities. In the second category that deals with family: motivations and demotivation, we had family memories as emotional support or as demotivation from criticism for choosing the course. We had as motivations the desire for changes and transformations in education, as demotivation was indicated, mainly, the criticisms made by loved ones, limitations, frustrations and difficulties. The third category, in turn, presents issues related to teaching: the dream of entering and finishing graduation. The narratives show us that undergraduates are understanding teaching in their experiences and experiences at the university, as a start in a new language, be it Portuguese, English or the Brazilian Sign Language, as well as cultural elements of these and their users, assimilation and performance of itself, as, future professionals in formation. In the fourth category we have professional projections and a future of dreams. In this category, the research collaborators project the path they will follow and a future with great achievements and promises kept. We believe that autobiographical narratives helped the licensee to project in the not-too-distant future and to project in the future of dreams and overcoming. Finally, we understand that the writings of themselves are useful mechanisms in teacher education and contribute, on the one hand, to stimulate authorship at the university, and, on the other hand, to processes of resignification of life itself, through the narrative of the self.

Keywords: Writings of you. Cards. Teacher training. Bachelors.

LISTA DE ABREVIATURAS/ SIGLAS

UFERSA- Universidade Federal Rural do Semi-Árido

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

GEPNAE - Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto)Biográficas em Educação

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Participantes do estudo.....	25
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. “DESCOBRI QUE MINHA HISTÓRIA PODE SER CONTADA”: VIVÊNCIAS DE UMA GRADUANDA CHAMADA MARILENE NA UNIVERSIDADE.....	14
2. CARTAS: DO GÊNERO TEXTUAL À ESCRITA DE SI.....	18
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	24
3.1 <i>Lócus e participantes do estudo.....</i>	24
3.2 <i>Procedimentos para a recolha dos dados e Corpus de análise.....</i>	25
3.3 <i>Ética na pesquisa.....</i>	26
4. ENTRE PERCURSOS E PERCALÇOS: O QUE CONTAM OS LICENCIANDOS.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

INTRODUÇÃO

A autobiografia, trata-se de um gênero cada vez mais explorado no campo da educação, seja por meio de pesquisas ou como uma alternativa de intervenção pedagógica em formação e para a formação docente. Dentre as diferentes formas de narrar a própria história existe a produção de cartas, que é um recurso que pode proporcionar ao indivíduo a ressignificação e reflexão acerca de si, do outro e de sua experiência de vida.

Utilizar esse instrumento na Universidade, na perspectiva da formação docente, permite a autoria e protagonismo no seu processo de formação, na medida em que podem resgatar memórias de seus percursos no Curso e, ao mesmo tempo, apresentar suas perspectivas de vida acadêmica e pessoal. O que contam de suas vivências na universidade? Como se apresentam a si mesmos no futuro? Quais projeções fazem de si? O que destacam em suas escritas? Essas escritas podem nos ajudar a pensar a formação docente? São indagações que envolvem a tessitura deste trabalho.

Tais questionamentos impulsionam o presente estudo, que tem por objetivo primordial identificar e categorizar, a partir da escrita de si dos discentes das Licenciaturas em Letras Inglês, Libras e Português, elementos que contribuam para compreender seus percursos vividos na Universidade, os desafios enfrentados e as perspectivas profissionais.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa em educação (ANDRÉ; LÜDKE, 2015), o *corpus* de análise são 8 (oito) cartas escritas por graduandos dos três Cursos de Letras do Centro Multidisciplinar de Caraúbas, escritas no semestre 2018.1, durante a participação no componente curricular, de caráter obrigatório, Psicologia da Educação. Destacamos que todos os graduandos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo1) para utilização de suas escritas em pesquisas científicas.

Para a realização deste trabalho levamos em consideração toda uma prática de leitura, textos, reflexões, diálogos, comentários, prática de escrita, diálogos com diferentes autores com o fim de um aprofundamento teórico, metodológico e que possa trazer efetivas contribuições para a formação desses graduandos.

Levamos como hipótese que as cartas permitem perceber diferentes motivações, concepções, percepções de como trabalhar com o método autobiográfico, num lugar de diálogo e observações metodológicas. Nas narrativas analisadas os graduandos apresentam por meio das reflexões experiências e projeções do futuro, se espelhando em futuros profissionais formadores de opiniões e podendo, assim, se reconhecerem nas suas projeções.

O texto está estruturado em 4 (quatro) partes, além desta introdução e das considerações finais, sendo: 1. *“Descobri que minha história pode ser contada”*: vivências de uma graduanda chamada Marilene na Universidade; 2. *Cartas: do gênero textual à escrita de si*; 3. *Caminhos metodológicos*; e, 4. *Entre percursos e percalços: o que contam os graduandos*.

*Sertão selvagem, de Euclides!
Prosaicamente, progrides
- mas, nada te corrompeu!
Paraíso de minha infância,
ingênuo como uma estância
de Casimiro de Abreu!*

*Touceira de xiquexique,
cercadão de pau-a-pique,
dez léguas de tombador...
Mar de panasco dourado,
Bogari, cravo encarnado
- SERTÃO DE ESPINHO E DE FLOR!*

Othoniel Menezes¹

Com esse excerto do poeta Othoniel Menezes, apresentamos o contexto de realização do estudo, o Semiárido brasileiro “de espinho e de flor”. O poeta resume o que é o sertão. Se, por um lado, um cenário de espinhos, desolador e selvagem, que fere em tempos de estiagem, por outro lado, é paraíso onde brota a flor, transformando a dor ao germinar vida e a esperança em tempos de chuva. E assim, esperamos que esse trabalho germine, cresça, floresça e dê frutos.

¹ Othoniel Menezes - obra reunida, 2011, p. 183. Potiguar, considerado “um dos poetas máximos do Brasil”, como descreve Olegário Mariano, na abertura do livro, em que se encontra a epígrafe,

1. “DESCOBRI QUE MINHA HISTÓRIA PODE SER CONTADA”: VIVÊNCIAS DE UMA GRADUANDA CHAMADA MARILENE NA UNIVERSIDADE

Quando eu² era criança, tinha o sonho de ser professora. Alimentei esse sonho por muito tempo na minha vida. Quando cursava o primeiro ano do Ensino Médio, no ano de 1993, tive uma pequena experiência como professora na Educação Infantil, Jardim I, II e III. Na época, o termo utilizado era Jardim de Infância, tanto que a escola se chama Jardim D’infância Hugulino D’Oliveira. Fiquei durante dois anos e meio neste espaço, substituindo uma professora que precisou de um afastamento por motivos de saúde.

Adorei a experiência, como na Educação Infantil as atividades estavam muito voltadas ao brincar, cantar, pintar e ajudar as crianças a coordenar figuras geométricas, números e letras. Foi um período bom, no qual eu me senti muito realizada, entretanto, acabou. Minha vida tomou outros rumos, casei e tive dois filhos, e, sem dúvidas, as experiências adquiridas por mim no âmbito escolar foi de fundamental importância no desenvolvimento da vida estudantil dos meus filhos. Por tais motivos, 1995, parei de estudar por um longo período, pois não foi possível a conciliação de estudo, trabalho e filhos pequenos. Voltei a estudar após dez anos, em 2005, concluindo o Ensino Médio em 2007.

O meu sonho de ser professora voltou, então fiz o meu primeiro vestibular e, para minha decepção, não consegui êxito, fiquei por algum tempo sem tentar novamente. Alguns anos depois, mesmo não estudando, continuei tentando o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Fiz a prova por três anos consecutivos e obtive êxito na terceira tentativa em 2014, confesso que já não estava mais motivada e confiante para tentar, mas, por querer dar bons exemplos para os meus filhos, tentei mais uma vez e foi nesse ano que finalmente passei em Letras Libras na UFERSA - Campus Caraúbas. No começo nem eu mesma acreditei, pois foram tantas tentativas para Pedagogia, sem êxito, que quando finalmente fui aprovada demorei a acreditar.

Hoje estou com 45 anos de idade e estou cursando o último período do Curso de Letras Libras. E alimento o sonho de ser professora concursada e conseguir a tão sonhada estabilidade. Adoro Libras e quero continuar aprendendo cada vez mais. Um dia, na aula de recepção aos novos ingressantes do campus, mais precisamente os de Letras, a palestrante, professora Luciana Mafra, em sua fala sobre: “Educação, formação e escolha de curso”, fez a seguinte

² Nesta parte do texto utilizarei a primeira pessoa do singular, pois trata-se de uma história pessoal, na qual quero protagonizar minha autoria, coerentemente ao tema da escrita de si.

pergunta aos ouvintes da palestra: “Vocês escolheram o curso ou o ENEM escolheu o curso por vocês?”

Essa pergunta me tocou muito, pois, até então, nunca havia parado para fazer essa reflexão. Desde então, costumo dizer que o ENEM escolheu o curso para mim, pois não conhecia a língua e sua dimensão, mas, ao entrar na graduação acabei gostando e me identificando. Hoje, tenho certeza de que estou fazendo o que gosto. Tenho o desejo de repassar o que aprendi e sempre buscar novos conhecimentos, atualmente já estou fazendo até uma especialização na área.

Ao longo do meu percurso acadêmico passei por muitos percalços, enfrentei muitas dificuldades, trabalhos ruins, ganhando muito pouco, pois não tinha certificado de graduação, nem de curso técnico para colocar em um currículo. Fiz trabalhos domésticos, de vendedora de porta em porta, sacoleira, sempre fiz de tudo um pouco, sempre com a esperança de dias melhores. Só com a cara e a coragem, como se diz, vive dias difíceis.

Durante anos dediquei minha vida aos meus filhos, acompanhei a vida escolar deles e sempre ensinei que o caminho é a escola, que tem que estudar para ser gente na vida, sempre priorizei os estudos deles, estava sempre buscando ajuda e informação de coisas que ajudassem no crescimento intelectual deles. Coloquei o meu filho mais velho em um programa social, onde era desenvolvido práticas esportivas, artes e música. Além disso, sempre incentivei a leitura, minha filha aos três anos de idade já tinha a ficha de empréstimos de livros na biblioteca pública, toda semana pegávamos, nós três, livros emprestados para ler, era lindo o zelo que eles tinham pelos livros. Hoje muito se explica o quanto são inteligentes e admiráveis.

Em relação a minha vida acadêmica, ingressei aos 38 anos de idade com dois filhos adolescentes e trabalhava o dia inteiro, foi difícil conciliar trabalho, faculdade e vida de dona de casa. Vivi momentos difíceis, pois o sonho de entrar na faculdade estava acontecendo e eu não tinha tempo para me dedicar aos estudos. Eram muitos textos, muita cobrança, um mundo novo que eu não conhecia. Senti muita dificuldade em acompanhar o curso, por que não tinha tempo de ler os textos que ficavam acumulados, estava sobrecarregada com os afazeres do dia a dia, com o meu trabalho diário que exigia muito de mim, pois trabalhava como auxiliar de serviços gerais pela prefeitura nos dois expedientes e sempre havia remanejamento para os locais redirecionados pela secretaria para realizar serviços de limpeza (faxinas pesadas) em prédios públicos. Então, à noite eu estava extremamente cansada e, por vezes, cheguei a cochilar durante as aulas. Vivi dias difíceis, como também dias de glória, entre erros e acertos, notas baixas e altas ia conseguindo concluir as cadeiras.

As disciplinas que mais me marcaram de uma maneira não tão boa foram as Literaturas e as Linguísticas, mas o problema não estava nelas em si, mas em mim, pois não havia tempo o suficiente para estudar, pela deficiência na base da minha formação, falta de autoconhecimento e pouco vocabulário para expressar conceitos, pois vinha de um longo período parado, sem estudar e de um ensino público deficiente que deixou muito a desejar. Além disso, durante o início da graduação, nos primeiros períodos, o que mais me impactou foi a enorme competição no meio acadêmico. Não me senti acolhida pela turma, muitas vezes me questionei se estava sendo excluída por ser mais velha ou por não ter as melhores notas. A falta de empatia me magoou muito, pois, por diversas vezes, demonstravam um sentimento de superioridade em relação a mim, senti falta da sinceridade e acolhimento. Entretanto, apesar desses acontecimentos, nos períodos seguintes pude conviver com pessoas maravilhosas que sempre foram recíprocas comigo, e acabei acompanhando essa outra turma, que inclusive é a que estou concluindo a graduação.

Depois dos 5º ou 6º períodos fiquei desempregada e virei autônoma e pude fazer meus próprios horários. Além disso, também recebi o auxílio das bolsas de assistência estudantil da UFRSA, então tive mais tempo para me dedicar aos estudos. É impossível um aluno conseguir passar em qualquer disciplina sem que tenha lido os textos e construído argumentos, uma base segura para uma conversação. Embora eu tenha grande apreço pela leitura, não tinha como me dedicar por completo pelo pouco tempo disponível, então levei algum tempo a mais para concluir todas as disciplinas.

Um fato marcante que se passou no início da minha graduação em uma aula, num discurso que a professora Monalisa (hoje não mais trabalha no Campus) fazia em sua aula que nós alunos não sairíamos iguais como entramos no curso e eu achei isso um absurdo, e questionei: como não vou sair igual? Lembro que falei: “claro que vou sair igual” e ela me olhou de um jeito... Hoje sei perfeitamente o que ela quis me dizer, hoje entendo exatamente o que ela quis me dizer com aquele discurso. Não sou mais a mesma pessoa, adquiri conhecimentos, foram muitos aprendizados, bagagens. Não tem como sair a mesma pessoa, pois a educação transforma! Se não tivesse construído tudo isso de que adiantaria ter feito o curso? Hoje não saio igual ao que entrei, estou terminando a graduação como uma pessoa melhor (acredito).

Aprendi dentre muitas coisas a ressignificar coisas e fatos na minha vida e dar um novo sentido a algo que me bloqueava. Na construção da minha primeira autobiografia sofri muito por não saber separar, retratar minha história de vida ou fragmentos dela. Vivi grandes conflitos

internos. Hoje com menos vulnerabilidade e mais resiliência e superação consigo formular minha história de vida (sem grandes sofrimentos), que, até então, desconhecia que tinha uma história. Com grandes e boas amizades adquiridas no Campus ou em função do curso, eu desenvolvi ou absorvi a capacidade de dar um novo sentido a algo que me prendia e me desconectava.

Outro momento marcante no percurso da minha graduação foi quando eu entrei no Grupo de pesquisa da professora Simone Maria da Rocha, grupo o qual me proporcionou muitas experiências e aprendizados que, sem dúvida, foram de fundamental importância à minha formação. Ela não tem ideia de como me ajudou, como foram válidos os seus conselhos e sermões. Descobri a palavra “resiliência”, que até então não conhecia e o seu significado e, logo depois, veio a “empatia” que ela tanto incentiva nas pessoas. Desenvolvi ou tento desenvolver até hoje a capacidade de superar e dar um novo significado àquilo que me afligia.

Hoje, apesar de todos os percalços encontrados, estou conseguindo concluir o meu curso e já me encontro trabalhando na área como intérprete/tradutora de Libras em uma escola no município. Além disso, iniciei uma especialização também na Língua de Sinais. Pretendo continuar me aprimorando, me atualizando e me tornando uma profissional cada vez melhor, pois acredito que a aprendizagem é um processo contínuo. Hoje, olhando para a minha trajetória, vejo o quão importante e transformadora foi a minha passagem pela Universidade. Sigo cada vez mais acreditando que a educação tem o poder de transformar vidas e quero continuar na docência para contribuir na (trans)formação de outras pessoas.

2. CARTAS: DO GÊNERO TEXTUAL À ESCRITA DE SI

Gêneros textuais são textos que exercem uma função social específica, ou seja, ocorrem em situações cotidianas de comunicação e apresentam uma intenção comunicativa bem definida. Um gênero textual se adequa ao uso que se faz dele. Adequa-se, principalmente, ao objetivo do texto, ao emissor e ao receptor da mensagem e ao contexto em que se realiza, por exemplo: a carta como um tipo de gênero textual narrativo, uma escrita de si. Para Berkenkotter e Huckin (1995, p. 4-6, apud SILVA, 2002, p.31):

Os gêneros são formas retóricas dinâmicas, desenvolvidas a partir (em função) das respostas dos agentes a situações recorrentes e que servem para estabilizar a experiência e lhe dar coerência e sentido. Os gêneros mudam ao longo do tempo em respostas às necessidades sociolinguísticas de seus usuários.

Os autores afirmam que os gêneros sofrem mudanças e alterações com as novas tecnologias, mas fazem uso das velhas bases para a comunicação do dia a dia. Esses atributos dos gêneros submete-se a sua própria natureza histórica social e cultural que se inovam, como também outros gêneros novos são criados. Para Marcuschi (200: 15 - 16, apud SILVA, 2002, p.43):

[..] os gêneros muitas vezes são construídos como modelos cognitivos gerais que se situam contextualmente e vão exigindo características formais específicas. [...] Assim os gêneros são tantos tipos de ação globais (uma espécie de ato de fala entendido), como modelos cognitivos gerais (uma espécie de representação conceitual). Pode-se dizer que ambos os casos são estabilizados linguisticamente e identificáveis intuitivamente pelos membros de uma comunidade de fala, desde que partilhem a língua e a cultura [...] são rotinas cognitivas e sociais consolidadas e conhecidas.

Nesse sentido, o autor afirma que os falantes da mesma língua englobam um conjunto de regras e saberes que intuitivamente modelam os processos de produção e recepção do texto que pertence a um dado gênero que indica um saber social comum entre os falantes. Marcuschi (2001: 2, apud SILVA, 2002, p.161) reitera que:

A interatividade é uma propriedade geral de todo e qualquer uso da língua e não de uma das modalidades de uso, pois ninguém fala ou escreve sem ter em mente um leitor ou ouvinte, o que se expressa como prioridade dialógica da linguagem, no dizer de Bakhtin.

É necessário e relevante que ao escrever uma carta tenha-se um nome para um destinatário e este deverá estar presente no horizonte do escrevente.

Rocha (2019), lembra que as cartas são escritas culturais, que para Santos (2010) estiveram por muito tempo relacionadas aos espaços privados, sigilosos, realizada em

momentos íntimos, em silêncio. “Esse tipo de escrita seria privada e sem intenção de publicização, para um remetente/leitor específico” (ROCHA, 2019, p. 62).

Silva (2002, p.52), apresenta um olhar histórico das práticas comunicativas mediadas pela escrita e afirma “[...] a carta foi um dos primeiros gêneros textuais que viabilizou a construção de relações interativas a distância [...]”. Rocha (2019, p. 63), explicita:

A carta foi, portanto, um gênero que se expandiu pela partilha, pelo poder de alcançar e informar, e romper fronteiras de comunicação. Escrever uma carta à mão, ainda que digitada, em tempos de tecnologias digitais de intercomunicação instantânea - internet, e-mails, redes sociais, WhatsApp, Skype, dentre outras -, parece até uma prática ou ideia absurda, deslocada de tempos hodiernos.

As cartas, portanto, tomaram outros formatos, mas continua proporcionando ao escritor/leitor uma doce presença, uma forma de reencontro, consigo mesmo e com o outro. A autora continua e diz que “[...] esse reencontro parece acontecer duplamente: o escritor é também leitor de si mesmo [...]”.

Baseando-nos no trabalho de Rocha (2019), entendemos com ela que mesmo sendo escrita num contexto institucionalizado, como a Universidade, a carta pode ser um instrumento positivo de produção de si mesmo, de possibilidade de um fazer autobiográfico que estimula a autonomia e a autoria. “Como autoria definimos a capacidade de o indivíduo assumir a condição de autor que escreve, pensa, dialoga, cria, reelabora e arrisca-se, responsavelmente, no universo da escrita reflexiva e não meramente reprodutiva [...]” (ROCHA, 2019, p. 64).

Nesse aspecto, as escritas de si, por meio de cartas, são consideradas narrativas autobiográficas que se voltam para as questões identitárias, de experiências, projeções, e ressignificações, mas precisamente, na formação docente com as escritas de si em contexto institucional descobrindo e redescobrando sua identidade no ato de narrar a própria vida. Essa escrita de si, pode provocar a construção de sentidos na pessoa em formação, uma reflexão regressiva e também progressiva dando sentido e ressignificados de suas experiências a tarefa de contar sua trajetória de vida e dar sentido às suas experiências também ao formador em formação. Consideramos, assim, que as narrativas autobiográficas nos permitem conhecer melhor os graduandos e suas histórias de vida. Os graduandos em formação ao narrar suas histórias podem contribuir para sua ressignificação como sujeito histórico, além de ajudar a depreender o que envolve a formação, a partir do que nos contam de sua formação docente.

Para Passeggi (2011) a noção de consciência histórica é fundamental para compreender a historicidade de suas aprendizagens e construir uma imagem de si como sujeito histórico,

situado em seu tempo. Quando o sujeito narra suas experiências de vida, ele precisa afastar-se de si, ou seja, este sujeito precisa interpretar seus sentimentos e emoções, escrever sua própria história, precisa se basear na sua vivência e futuro articulando fatos vividos e fatos que poderão ser vividos por estes. Ainda de acordo com a autora (2010) ao acompanhar trajetórias múltiplas e específicas deve-se “[...] considerar os processos educacionais para além das fronteiras das técnicas, valorizando as subjetividades, os processos memorialísticos, as histórias de vida e as (auto)biografias [...]”.

A noção de consciência histórica é fundamental para compreender a experiência em formação. Entendemos que ela só se justifica se permitir a pessoa que narra compreender a historicidade de suas aprendizagens e construir uma imagem de si como sujeito histórico, situado em seu tempo. Passeggi (2011), chama a atenção para o pensamento de Dilthey, que trata da atualidade de sua percepção sobre a reflexividade. Para o autor, ela é imanente à vida. Ela está lá, antes de qualquer objetivação científica racional. “O saber está aí, unido a vivência sem intervenção da reflexão”, ou seja, o processo reflexivo de auto-regularização (social) imanente à experiência vivida. Dilthey se opõe tanto a uma visão subjetiva/romântica ou estética da experiência, quanto a uma percepção puramente racional da experiência, associada a uma visada experimental. Entre o subjetivismo e o racionalismo, Dilthey situará a consciência histórica. É nesse sentido que entendemos as lições de Dilthey sobre experiência e a construção de uma consciência histórica. Vale lembrar que aprimorando sua historicidade de aprendizado constrói-se uma nova imagem de si, uma ressignificação como sujeito histórico situado em seu tempo.

Passeggi (2011) apresenta os princípios éticos e os objetivos descritos na carta da ASIHUIF-RBE, adaptados ao contexto da formação pós-graduada. São os seguintes princípios:

O primeiro é o da liberdade para falar ou não de si, permanecer ou não no grupo. O segundo princípio é o de convivibilidade. Ele se baseia na ajuda mútua, ancorada na adoção de uma atitude de simpatia tanto pela experiência do outro, quanto por suas próprias experiências com o objetivo de melhor compreender a si mesmo e ao outro, evitando qualquer atitude de julgamento. O terceiro princípio é o de confidencialidade, firma-se um pacto ético de sigilo quanto ao que é dito no grupo. O quarto princípio é o da autenticidade nos relatos e na escrita de si. O grupo não busca uma verdade escondida, pois desde o início se sabe que não há histórias antes de ser narrada. O quinto princípio é o direito a autoria do que foi escrito ou, eventualmente, transcrito em vídeo gravado. Os participantes têm o direito de guardar para si suas histórias e de reescrever eventuais transcrições de sua fala. O sexto princípio concerne a formação do formador. Trata-se de uma exigência ética e experiencial que o formador tenha vivenciado o processo de formação mediante a escrita autobiográfica, para melhor desempenhar o processo de mediação e de acompanhamento. O sétimo princípio é o de contratualização entre os pares com base nos princípios acima descritos e/ou acrescentados

pelo grupo. O contrato pode ser formal ou informal. Esses princípios são exigências na formação dos formadores com as histórias de vida.

Sobre a experiência, Larrosa (2002, p.25), admite que “[...] a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriarmos-nos de nossa própria vida [...]”. O que nos contam os alunos do curso de Letras quanto a escrita autobiográfica como uma viagem, uma viagem em torno de si, mesmo considerando que as narrativas permitem conhecer e se reconhecer enquanto graduandos como suas histórias de vida e os caminhos percorridos por estes, levando em consideração a promoção de sua autonomia da própria vida do indivíduo. O que nos contam os graduandos, é digno de ser ouvido e contribuir para a pesquisa da educação e para formação docente?

Convém salientar que a ressignificação da experiência que se fez em torno de si mesmo, implica no distanciamento de nós mesmos e a possibilidade de nos vermos como os outros nos veem, com isso, descobrimos e até identificamos processos, transformações anteriormente vividas por nós mesmos como crises, contradições, rejeições, dilemas, desejos de reconhecimento e isso só acontece no processo de ressignificação das experiências vividas. Como diria Saramago (2008), carece de pesquisas que se voltem para o ato de construir-se construindo sua biografia.

Narrativas de vida, motivos, limites e perspectivas. Essas generalizações têm ligações e não são neutras, seu funcionamento é formador em si mesmo. Elas articulam interpretações e propiciam o pensamento agregando respostas ao formador em formação. Uma função secular plural tanto quanto paradoxal.

Essa tomada de consciência da importância da função narrativa em vista a construção dos saberes e na linha de trabalhos impulsionados por Gaston Pineau (1996) nas histórias de vida em formação, ou pela equipe de Pierre Dominicé (1996) em Genebra, demonstram a relevância da narrativa, reconhecida por sua eficiência na formação de adultos.

O exercício dessa função permite igualmente a elaboração do que Paul Ricoeur (1983, 1984, 1985) chamou de “identidade narrativa” associando essa capacidade humana de relacionar tempos e pessoas a constituição de cada um em particular: a narrativa que faço me constrói, tornando-me autor da minha vida e não simplesmente autor submisso a ela.

A narrativa escrita ou oral exprime uma função afetiva, com conhecimento de mundo em um universo individual e também coletivo, exprime desejos, sonhos. Não modifica o que já passou, mas toda narrativa pode dar novos sentidos à vida e isso chama-se ressignificação e resiliência. O ser humano tem a necessidade de se exprimir, falar de si mesmo, juntar diferentes universos, temporalidades. A narrativa traz a duração, a profundidade, cronologia e a interação

com o mundo externo, experimenta o sentido da história e a ser cativada por ela. O que importa é a autonomia, autenticidade no momento que narra o texto, a verdade no presente narrativo do sujeito que anuncia (PASSEGGI, 2010).

Autobiografia coloca o sujeito na posição de um fornecedor de conhecimentos sobre si, seu dia a dia, suas opiniões, seus julgamentos, suas experiências e conhecimentos de mundo, expressando-se na subjetividade da singularidade, expondo-se no contar sua história ou fragmentos dela e dando outros significados a certos momentos vividos por este indivíduo. Nessa perspectiva, Ferrarotti (2010, p.51, apud CORDEIRO, 2018, p.47)

Um homem nunca é um indivíduo; Seria melhor chamar-lhe um “universal singular” : “totalizado” e, por isso mesmo, universalizado pela sua época, “retotaliza-a” reproduzindo-se nela enquanto singularidade. Universal pela universalidade singular da história humana, singular pela singularidade universalizante de seus projetos, exige ser estudado simultaneamente nos dois sentidos.

O texto nos permite entender e interpretar que não somos apenas pessoas (indivíduos), somos sujeitos com conhecimentos, com constituição social e representações de um todos, e nessa relação o sujeito e sociedade tornamos-nos enquanto sujeito “universal” de cada individualidade.

Nessa concepção, Ferrarotti (2014, p.77) apresenta a especificidade do método biográfico, que ultrapassa o modelo mecanicista para além do modelo de fazer pesquisa, devendo considerar características essenciais do homem, a subjetividade e a historicidade. Ao narrar sobre a experiência vivida a pessoa se reconhece enquanto sujeito histórico e singular, dando sentido ao vivido e atribuindo significados aos acontecimentos.

No ponto de vista de Delory-Momberger (2008, p.22, apud CORDEIRO, 2018, p.51), “[...] a escrita biográfica não dissocia jamais a relação consigo mesmo da relação do outro”. Dessa forma, compreendemos que a partir do momento que reconhecemos nossas histórias de vida/ narrativas pessoais, possibilitamos um entendimento das histórias vivenciadas pelos outros, isto é, a compreensão do outro parte do entendimento de si mesmo. A autora frisa que é a partir da biografia do outro que me faço compreender e poder construir minha biografia. “[...] a narrativa do outro é um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica”.

Delory-Momberger (2012, p.28, apud CORDEIRO, 2018, p.51) frisa que “[...] a narrativa não é apenas o produto de um ‘ato de contar’, ela tem também um poder de efetuação sobre o que narra”, passa por processos de reconhecimento de sua própria história. Além disso,

através da narrativa o ser social permite transparecer como se reconhece o mundo social em que vive.

Na construção de sua história o narrador tira de suas vivências momentos distintos de sua vida social e/ou particular, suas experiências e recordações dando significados ou ressignificando algo, se conhecendo ou se reconhecendo na sua própria história. Para Delory-Momberger (2008, p.36, apud PASSEGGI, 2011, p.5), o fato biográfico precede qualquer grafia efetiva.

O que chamamos de fato biográfico é esse viés de figuração narrativa que acompanha o percebido de nossa vida, esse espaço-tempo interior, segundo o qual nos situamos sem conhecer exatamente o momento e o lugar que ocupamos na figura de conjunto que lhe atribuímos.

As narrativas de vida na pesquisa e na formação, de acordo com Gaston Pineau como procedimento metodológico das “Histórias de vidas” é uma busca de sentido a partir de fatos temporais pessoais vividos. Ele cria a memória entre passado e futuro, entre o fazer e o dizer. É uma prática de produção de si mesmo que contribui para que cada um “tome em mãos” a própria vida. É assim que ela se torna formadora.

Os formadores em formação destacam alguns níveis, como o nível das emoções, sentimentos sensações e o nível das reflexões suscitadas por eles é um conjunto de episódios ou momentos formadores, pois a narrativa permite em alguns casos, revelar conexão ao passado ou distanciar-se dele, fazendo uma viagem do “eu” através de várias identificações úteis à reflexão, pois o “eu” é resultado da minha narrativa. A narrativa não é neutra em relação ao que vivemos, ela desencadeia o poder de resiliência ou desencadeia sofrimentos, trazendo à tona lembranças guardadas no seu subconsciente, porém, narrativas pode ser: singular ou coletivas. São úteis e às vezes até necessárias, mas para algumas pessoas são causadoras de sofrimento e não sentem gosto por elas (PINEAU, 1996).

Do gênero textual à escrita de si é o objetivo que trazemos neste trabalho. Como a escrita epistolar, trabalhada como gênero textual pode transformar-se numa escrita de si, que contribui nos processos formativos, tanto do formador quanto do formando. A escrita de si, é uma escrita sobre o eu, sobre um olhar interno de um outro ponto de vista e de reflexividade.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa em educação, que utiliza o método autobiográfico como ancoragem epistemológica. Bogdan e Biklen (1994), apresentam o conceito de pesquisa qualitativa a partir de cinco características basilares: 1. ambiente natural como fonte direta de dados, o pesquisador é o maior instrumento; contato direto e prolongado do pesquisador com o espaço e a situação que está sendo pesquisada, dentre outros; 2. Os dados coletados são predominantemente descritivos; 3. O processo é mais importante do que o produto; 4. o significado que os participantes expressam são focos especiais da investigação; e, por fim, 5. As análises dos dados consideram um caráter indutivo e interpretativo.

Tendo como base tais preceitos, observamos a inserção harmoniosa do método autobiográfico como ramificação da pesquisa qualitativa. Pois, a perspectiva desse método é a centralização do sujeito no desenvolvimento da pesquisa, como afirma Ferrarotti (2010, p. 45), “[...] todo indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual [...]”.

Nesse sentido, entendemos que as cartas escritas pelos estudantes das licenciaturas são fontes profundas de conhecimento e podem em muito contribuir para pensar a formação docente, a partir de uma análise qualitativa dos dados. Vale ressaltar que embora o esforço de análise seja significativo, é apenas uma interpretação da interpretação, portanto, lacunas sempre existem. Mas, tentaremos ser o mais próximo possível do universo narrado pelas escritas de si.

3.1 *Lócus e participantes do estudo*

O *lócus* do estudo foi a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Caraúbas, Centro Multidisciplinar de Caraúbas (CMC).

Participaram 8 (oito) graduandos dos 3 (três) Cursos de Licenciaturas em Letras da UFERSA, no Centro Multidisciplinar Caraúbas, a saber: Letras Inglês, Letras Libras e Letras Portugêses.

Abaixo apresentamos o quadro sintético com informações dos participantes do estudo:

Nome	Curso	Idade	Cidade	Tempo de curso
Karev	Não informado	Não informado	Não informado	3º período
Joey	Inglês	Não informado	Não informado	Não informado
Derek	Inglês	Não informado	Não informado	2º período

Frida	Libras	Não informado	Não informado	4º período
Marie	Português	18 anos	Olho D'Água dos Borges	2º período
Lisa	Não informado	Não informado	Não informado	Não informado
Megan	Libras	23 anos	Caraúbas (comunidade Apanha Peixe)	4º período
Léia	Libras	23 anos	Campo Grande	4º período

Quadro 1 - Participantes do estudo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os nomes utilizados são fictícios, para preservar a identidade dos participantes. Observamos que as idades informadas variam entre 18 a 23 anos, e no momento estavam cursando entre o 2º ao 4º período. Vale ressaltar que alguns participantes, ao longo das suas narrativas, não informaram as suas idades atuais ou a idade de quando ingressaram na Universidade. As cidades de origem também variaram, quando informadas, conforme percebemos no quadro 1. Um discente é oriundo da comunidade de Apanha Peixe, no município de Caraúbas, outro da cidade de Campo Grande e outro da cidade de Olho D'Água dos Borges, sendo todos municípios do Rio Grande do Norte, os demais não informaram suas localidades. Com relação ao gênero, para essa pesquisa, foram utilizadas as cartas de três homens e cinco mulheres.

3.2 Procedimentos para a recolha dos dados e Corpus de análise

O estudo foi realizado ao longo do semestre 2018.1, no componente curricular Psicologia da Educação, de caráter obrigatório, que é ofertado semestralmente para os cursos de licenciaturas em Letras, pelo Departamento de Linguagens e Ciências Humanas (DLCH). Geralmente, estudantes das três licenciaturas, Inglês, Libras e Português, cursam ao mesmo tempo.

A escrita das cartas foi uma proposta de atividade avaliativa da última unidade. A autorização para utilização em pesquisa dos dados foi concedida individualmente ou em duplas, com a assinatura de um termo de consentimento.

Para a elaboração das cartas foi desenvolvido o seguinte protocolo:

Que tal escrever uma carta para você no futuro?

Trata-se de um texto narrativo, no qual você deve escrever sobre suas experiências enquanto estudante em formação na UFERSA. A ideia é que

possa contar a sua história - uma versão de si mesmo como estudante universitário, num curso de licenciatura -, para você mesmo ler no futuro, quando já estiver atuando como profissional. Narrar e refletir, refletir e compreender, compreender e atuar: narrativa de um(a) docente em formação - pode servir de inspiração para a tua escrita. (ROCHA, 2019, p. 67).

Importa informar que no primeiro dia de aula a docente responsável pela disciplina comunicou aos estudantes que eles escreveriam uma carta para si mesmos, como uma das atividades avaliativas do componente curricular. Segundo Rocha (2019), o protocolo serviu como um subsídio orientador a fim de inspirar, nortear e mediar no processo de escrita da carta. Fez parte do protocolo, a explicitação de que as cartas não seriam partilhadas entre os estudantes em sala de aula e que a nota da avaliação não deveria ser uma preocupação, que ficassem no olhar e na entrega pessoal a essa atividade.

Foram escritas cerca de 50 (cinquenta) cartas no semestre 2018.1, sendo autorizada a utilização de todas com fins de pesquisa. Mas, diante da imensidão de dados, optamos por analisar oito cartas, que se constitui o *corpus* do presente estudo.

3.3 Ética na pesquisa

A pesquisa envolvendo seres humanos deverá prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade dos indivíduos pesquisados, garantindo a proteção da sua imagem, a sua não estigmatização e a não utilização das informações em prejuízo dos indivíduos e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de caráter econômico e/ou financeiro (VIEIRA, 2003). A pesquisa deve respeitar os valores culturais, sociais, morais, étnicos, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes quando a pesquisa envolver trabalhos em comunidades, cuidando para que ocorra o retorno dos benefícios obtidos através dos conhecimentos adquiridos para as pessoas e comunidades onde a mesma foi realizada (SARDENBERG et al., 1999 Apud MORO, MATTOS, SARTORI, 2011, s/p).

O preceito apresentado pelos autores orientou o cuidado ético com cada escrita de si. Pois consideramos que toda pesquisa realizada com seres humanos precisa considerar os aspectos éticos, os cuidados com os valores e princípios universais do respeito a pessoa humana. Principalmente, quando lidamos com as histórias de vida das pessoas, suas subjetividades e seus sentimentos mais íntimos.

4. ENTRE PERCURSOS E PERCALÇOS: O QUE CONTAM OS LICENCIANDOS

Entre o já e o ainda não

A carta de Lord Chandos termina assim:

[...] porque a língua em que talvez me fosse dado não só escrever, mas também pensar, não é o latim,

Nem o inglês, nem o italiano, ou espanhol, e sim uma língua cujas palavras nem sequer uma só me é conhecida; uma língua na qual as coisas mudas me falam e na qual, talvez um dia na tumba, terei que prestar contas a um juiz desconhecido.

A língua recebida já não nos serve, nos provoca [...] e aquela que talvez pudéssemos dizer alguma coisa, não a temos ainda. Porém aí estamos, nesse intervalo, e continuamos insistindo.

(LARROSA, 2018, p. 87).

Dizer algo em palavras, que estão nas profundezas de nossa subjetividade é um desafio constante no mundo da comunicação, cada vez mais efervescente. Como expressar, interpretar e visibilizar vozes, por vezes, silenciadas na cultura acadêmica? A voz que vem de si mesmo, de dentro, que promove autoria. Autoria por um lado exigida e exaltada, mas coagida em tantas circunstâncias no cotidiano formativo.

Ao nos debruçarmos sobre as cartas dos licenciandos, sentimos profunda empatia e respeito aos seus desafios, percalços, vitórias e sonhos. Tentamos fazer uma análise temática, a partir da construção de categorias, orientadas por Jovchelovitch e Bauer (2002). Nesta perspectiva, “[...] as unidades do texto são progressivamente reduzidas em duas ou três rodadas de séries de paráfrases [...] a partir desse parafrasear, desenvolve-se um sistema de categorias [...]” (JOVCHELOVICTH e BAUER, 2002, p. 107).

Nesse movimento, após leituras intensas e extensas das cartas, chegamos às seguintes categorias: 1. *Jornada acadêmica: dificuldades em acompanhar o curso, desafios, obstáculos e inseguranças*; 2. *Família: entre motivações e desmotivações*; 3. *Docência: sonho de ingressar e de finalizar a graduação*; 4. *Projeções: um futuro de sonhos*.

1. *Jornada acadêmica: dificuldades em acompanhar o curso, desafios, obstáculos e inseguranças*

Iniciaremos trazendo elementos que nos conduziram a construção da primeira categoria. Observamos que Karev (2018) iniciou sua carta com um relato de que trancou a faculdade no mesmo ano de seu ingresso, pois já estava cursando uma outra graduação e teve dificuldades

de conciliar os dois cursos. Em 2017, ele retornou à universidade, porém teve muitas dificuldades de acompanhar o curso, conforme narra: “[...] aos trancos e barrancos estou aqui. Pretendendo concluir o meu curso e atuar como professor na minha área [...]”. A fala de Karev nos mostra um pouco da realidade de muitos graduandos, que sentem o impacto de uma estar na faculdade. Discorrem sobre o peso/ritmo da sala de aula de uma universidade, tendo que habituar-se aos textos densos, complexos e leituras diárias. Nesse sentido, cabe colocar que um fato que colabora para que a grande maioria dos alunos tenham dificuldades é o despreparo do ensino público para chegar à universidade, pois estão acostumados com um ritmo de ensino diferente.

No mesmo sentido, Joey (2018) inicia sua carta fazendo a seguinte interrogação: “O que falar de mim para mim?”. Em seguida, afirma que, apesar das dificuldades, é feliz e que pretende ser um bom professor. Além disso, coloca que está sendo um ótimo percurso, com boas notas e de crescimento intelectual, além de estar aprendendo uma nova língua. Relata ainda que durante as aulas aprendeu a ter posicionamentos, desenvolver a autonomia e o senso crítico, pois a professora mostrou que nem tudo é o que parece ser. O discente Joey continua sua carta contando suas superações e desafios: “[...] a vida universitária é difícil, cansativa, mas tem suas recompensas. Aprendi a pensar nos outros e como me manter calmo... hoje estou orgulhoso do que faço”.

Em sua narrativa Derek (2018) relata que está cursando a graduação dos seus sonhos e que futuramente deseja lecionar inglês. Além disso, o discente diz que descobriu o desejo de ser professor durante o ensino médio e desde então esse desejo só aumenta. O graduando ainda completa seu desejo de ser professor com determinação e muita segurança. Assegura que está certo do que quer e está feliz com o seu curso, ama o que faz e procura se aprimorar todos os dias mais e mais: “[...] tenho planos de fazer a diferença na Língua Inglesa, é a minha inspiração de todos os dias com o pensamento de que podemos sim, transformar uma sala de aula, dando o nosso melhor todos os dias [...]”. Derek ainda relata que foi na aula da professora Simone Rocha (professora que lecionou a disciplina a qual as cartas foram produzidas) que assistiu a um documentário sobre a realidade das escolas, do ensino e dos professores das escolas públicas, fazendo com que este refletisse e faz com que acorde todos os dias com o desejo de transformação e dizer: hoje vai dar certo! O discente relata que acredita/deseja fazer a diferença, “[...] que eu possa contribuir com o aprendizado de um aluno ou uma aluna, embora reconheça que, no Brasil, nem todos tenham as mesmas condições e oportunidades de estudar [...]”.

Frida (2018) relata na sua carta que ingressou no curso de Letras Libras em 2016, depois de várias tentativas, embora não fosse o curso que desejava, enfrentou o desafio.

Não foi nada fácil de início e nem está sendo. Já passei por várias coisas aqui dentro, muitas dificuldades, muitos obstáculos e umas das coisas que mais me dificultou na faculdade foi o meu ensino de base, o mesmo não foi um dos melhores [...] faltava professores, material didático, falhas na estrutura do prédio. Reconheço que não fui uma *nerd*, mas me esforçava para fazer o melhor, era pouco comunicativa, com poucos amigos, porém era feliz assim (Frida, 2018).

A graduanda conta que ao entrar na faculdade sentiu medo, insegurança e frustrações, pois a universidade não era nada daquilo que tinha imaginado. Em 2018, a discente relata que viveu uma experiência fantástica: a maternidade, “[...] o nascimento da minha filha (um presente de Deus)” e, com isso, vieram muitas responsabilidades. A discente relata que é difícil conciliar filha, atividades domésticas e faculdade, é cansativo. Apesar disso, Frida conta que a cada dia conquista novos e grandes aprendizados, que possui professores motivadores e que fez muitas amizades, o que a faz desejar ir até o fim. Ainda, continua, pretende se formar e trabalhar na área e deseja continuar estudando, se especializar e também quem sabe ter um doutorado: “[...] hoje estou no quarto período, me sinto realizada e apaixonada pelo curso [...] o meu desejo é ser uma profissional amável e de grande competência”.

Marie (2018) conta que ingressou em 2017.2, com 17 anos de idade do curso de Letras Português com grandes expectativas: “[...] ansiava pelo novo na mesma intensidade que o temia [...] as aulas começaram e estava muito encantada com tudo aquilo, diferente de tudo que já tinha vivido [...] toda essa experiência me deslumbrava [...]”. Marie nos conta das amizades feitas no âmbito acadêmico, algumas longas, outras breves. Ela fala também de suas preocupações de se deslocar da sua terra natal todos os dias para a Ufersa - Campus Caraúbas. A discente conta que escolheu o curso de Letras - Português pela afeição que sempre teve com a Língua Portuguesa, mas confessa que tinha uma visão distorcida do que era ser um professor: “[...] durante minha trajetória de estudante presenciei os professores que se posicionaram como opressores, em sala de aula e isso me desmotivou, estudava só por obrigação [...] não quero me tornar uma professora assim [...]”. Ao ingressar no curso de Letras - Português recebeu diversas críticas e desmotivação de alguns familiares, sendo que essas foram as que mais a afetou. A discente diz que no período ao qual a carta foi escrita, que via uma mudança de concepção por parte deles. Ela costuma compartilhar comentários como o quanto é belo e formidável o seu curso. Marie, afirma que hoje percebe a importância que a universidade tem na sua vida. Hoje ela vê o professor com outros olhos e que tem muitos objetivos e sonhos, embora o percurso

seja difícil ela pretende continuar. Marie afirma que a universidade é uma grande escola da vida, tem relações e amizades dentro e fora dela e que pretende desfrutar ao máximo.

Lisa (2018) iniciou sua carta contando-nos que quando criança tinha o sonho de ser professora. Ansiava por esta profissão e acreditava ser a mais bela e nobre profissão. O tempo passou e esse desejo foi substituído por outros de criar, construir e modificar seguindo outros caminhos que não foram a educação. O tempo passou e o sonho de ser professora voltou. A discente ainda coloca sua perspectiva de que de nada vale ser uma professora renomada se esta não tiver humanização ou ser detentora de toda sabedoria e não souber lidar com humanos. Continua relatando que ser professora é uma constatação de vocação - sendo este o principal objetivo de uma docente - e não só uma teoria.

Megan (2018) é filha de agricultores, criada com dificuldades, limitações e poucos recursos, mas com dignidade. A discente relata que sempre teve o desejo de estudar. Megan, com satisfação, nos conta que quando foi aprovada em Letras – Libras, Campus Caraúbas, sua felicidade foi imensa pois estava realizando um sonho de estar em uma faculdade. Infelizmente, três dias após esse resultado, houve uma correção no sistema da universidade e uma redução no número de vagas e a discente ficou no cadastro reserva. Entretanto, Megan relata que acreditava que não seria o plano certo e que Deus teria um momento certo para essa realização. Felizmente, Megan conseguiu ser aprovada no semestre seguinte. A discente segue a carta contando as dificuldades que têm enfrentado. Mora em uma comunidade próxima a cidade de Caraúbas e que enfrenta lutas diárias para chegar até a universidade. Em noites de inverno, por exemplo, quando o ônibus afunda na areia, ela tem que andar vários quilômetros a pé, molhando o material de estudo, sem sinal de celular, chegando em casa por volta das 2h da madrugada. A distância da comunidade até a Ufersa é de 24 km o que levaria 15 a 20 minutos de duração para concluir o percurso, entretanto, pelas dificuldades de locomoção na estrada, leva-se em torno de duas horas.

[...] Quero ser fonte de inspiração para meus alunos, mostrando minhas lutas e superação [...] vale a pena ressaltar o quanto é bom sonhar e não desistir dos meus sonhos. Com o meu diploma, pretendo presentear meus pais como forma de agradecimento (MEGAN, 2018).

Por fim, a discente faz uma reflexão de que a caminhada é árdua, porém vale a pena, pois ao final dela adquirimos experiências, conhecimentos e muitas coisas boas.

Léia (2018) começa sua narrativa agradecendo a sua família pela pessoa que se tornou, pela educação que teve, apoio, carinho, confiança e bons ensinamentos que teve e alega reciprocidade desses sentimentos. Sempre teve o sonho de ingressar em uma faculdade,

trabalhar e ajudar financeiramente aos seus pais como forma de retribuição “[...] pretendo praticar a inclusão com a LIBRAS. Encorajar os alunos formando-os cidadãos críticos e reflexivos para que eles tomem decisões próprias [...]”. A graduanda relata que o sonho de sua avó era ver uma de suas netas formada. O curso inicialmente desejado por Léia era nutrição, mas não conseguiu entrar e com o incentivo de sua avó continuou estudando e atingiu a aprovação no curso de Letras - Libras. No começo houve muitas dificuldades de acompanhar o curso pois não tinha nenhum conhecimento da língua, era um cenário totalmente novo e difícil. No período que escreveu a carta, a discente estava gostando do curso e não pensava mais em trocá-lo por outro.

Os relatos apresentados até aqui, demonstram as dificuldades em acompanhar o curso, desafios, obstáculos e inseguranças na vida acadêmica. São desafios e obstáculos referentes a locomoção, chegada cotidiana na universidade, dificuldades para acompanhar a densidade dos conteúdos e, ao mesmo tempo, inseguranças na vida acadêmica, muitas vezes, por críticas familiares pela escolha da carreira docente. São experiências que marcaram a vida inicial dos estudantes nos cursos escolhidos.

Em síntese, nesta primeira categoria, apresentamos algumas das falas dos licenciandos: Karev nos conta a dificuldade “[...] estou aqui aos trancos e barrancos, mas indo, mesmo com dificuldade em algumas disciplinas [...]”. Joey cita que “[...] apesar das dificuldades enfrentadas na faculdade, meu percurso está sendo ótimo [...]”. Frida coloca que “[...] não foi fácil de início e nem está sendo, já passei por muitas dificuldades, muitos desafios e obstáculos na faculdade [...]”. Além disso, Frida acrescenta ainda que ao entrar na faculdade sentiu medo e inseguranças. A discente também coloca que “[...] está sendo muito puxado para eu conciliar filha pequena, família, atividades domésticas e faculdade, é cansativo”. Léia fala que “[...] o primeiro período não foi fácil, senti dificuldade de acompanhar o curso e dificuldades em Letras - Libras por ser uma língua nova”. Além disso, Léia também relata que o curso de Libras não era a graduação que desejava inicialmente cursar, mas que, no período o qual escreveu a carta, a discente estava cursando o quarto período e gostando cada vez mais do curso e não tinha a intenção de trocar por outro.

Isso nos faz pensar nas proposições de Larrosa (2018, p. 38):

[...] é preciso reivindicar a experiência, dar-lhe certa dignidade, certa legitimidade. Porque, como vocês sabem, a experiência foi menosprezada tanto pela racionalidade clássica quanto pela racionalidade moderna, tanto na filosofia, quanto na ciência.

Logo, faz-se emergente valorizar a história de vida de cada licenciando. Ninguém chega vazio de conhecimento, saberes, experiências à universidade. Cada pessoa tem um percurso singular, que confunde-se com um percurso social. As vozes dos estudantes, suas experiências não podem ser tratadas como mera parte da vida. É a vida. Especialmente, quando tratamos de uma realidade tão difícil e árida como a do sertão nordestino, no qual o Campus Caraúbas está incluído. Se ignorarmos as histórias e experiências, incorremos no erro de não legitimar e dar dignidade e legitimidade às suas experiências.

2. Família: entre motivações e desmotivações

Nessa segunda categoria abordamos questões relacionadas com as motivações e desmotivações, em decorrência de posicionamentos familiares.

A licencianda Léia relata que a sua família é central: “[...] a minha família é tudo para mim, pois hoje o que sou agradeço a eles, pela educação, bons ensinamentos, o apoio, a confiança e o carinho que tem comigo”. A discente Marie nos conta que sua grande motivação foi o encantamento e afeição pelo curso. A colaboradora teve como desmotivação, o seguinte fator: “[...] lembro o quanto eu tinha vergonha de alguns ambientes da Ufersa que acolhia muitas pessoas, naquele momento me sentia um pouco deslocada [...] a visão distorcida que eu tinha do que era um professor, isso fundamentado em toda a trajetória da educação básica em que vivi [...]”. Além disso, a discente continua relatando que:

“[...] ao ingressar em Letras recebi e até hoje recebo diversas críticas quanto ao curso que estou me graduando. Desde pequena ouvia argumentos ignorantes sobre a profissão de professor e ao ingressar no meu curso essas críticas se intensificaram, ouvia pessoas constantemente desvalorizando a profissão e de certa forma até me menosprezando, confesso que isso me atingia um pouco”. Marie ainda diz “recebi críticas e desmotivações vindo da minha própria família, essas foram as que mais me machucaram [...]” (MARIE, 2018).

A decisão de seguir a carreira docente é permeada por inúmeros desafios, que muitas vezes provocam desmotivações. A profissionalização docente carrega em si muitos aspectos que são necessários superar. Evidentemente, sabemos que há uma desvalorização salarial e mais ainda social da profissão. O medo de fazer uma escolha errada, de não ter êxito financeiro é algo que ronda a todos e todas que estão se tornando docentes. Afinal, qual valor se atribui ao ensino no Brasil? “Por trás de qualquer proposta metodológica se esconde uma concepção de ensino, assim como certas ideias mais ou menos formalizadas e explícitas em relação aos processos de ensinar e aprender” (ZABALA, 1998, p. 27). Nesse sentido, precisamos

compreender qual o lugar do ensino em nossa sociedade, a partir de então pensarmos qual o lugar ou o “não” lugar ocupado pelo docente. Assim, pode, quem sabe, ser possível motivar mais do que desmotivar docentes em formação, acolhendo suas dificuldades e angústias e tratando essas questões do ponto de vista de políticas educacionais eficazes de valorização docente.

3. Docência: sonho de ingressar e de finalizar a graduação

Nesta categoria, destacamos a narrativa da graduanda Lisa, ao relatar que passou por mudanças, transformações e identificações. A discente afirma: “[...] resolvi retornar e vivenciar aquele sonho de infância, sim o sonho de mudar a realidade de outras pessoas através da sala de aula. Licenciarme para ajudar os outros a construir o alicerce de seus horizontes, nos quais fundaram sonhos e vidas [...]”. Karev, também traz relatos acerca disso: “[...] quero terminar o curso e quem sabe ser uma professora ou trabalhar nessa área no futuro [...]”. Joey, afirma “[...] eu espero que eu seja realmente um bom professor, se o futuro permitir, quero ser um [...]”. Derek relata: “[...] quero lecionar o curso dos meus sonhos. Descobri o prazer de lecionar e de ser professor [...]”. Léia, admite: “[...] sempre tive o sonho de ingressar em uma faculdade [...]”. Megan, no mesmo diapasão narra: “[...] sempre tive o desejo de estudar, todas as noites deitava sobre o colo da minha mãe e ficava observando a imensidão do céu, o claro da lua e as estrelas, eu contemplava a minha vizinha saindo para a faculdade, então comentava com ela que um dia eu também iria conseguir fazer um curso superior [...]”. Lisa também relata: “[...] a minha construção enquanto docente depende de como irei lidar com as diversidades que se põem à minha disposição para a edificação do meu “ser docente [...]”. Marie diz: “[...] costumo sempre compartilhar o quão belo é o meu curso, isso é formidável, pois mesmo ainda estando no começo dessa jornada, me engajar em um curso de licenciatura me fez ver o professor com outros olhos [...]”. Frida traz sua contribuição ao relatar: “[...] com a ajuda de Deus e de toda a minha família quero ir até o fim, me formar, trabalhar na área e não quero parar por aí não. Se Deus me permitir quero me especializar na área e, quem sabe, fazer um doutorado [...]”.

Todas essas escritas demonstram algo em comum: os licenciandos sabem, com muita clareza que estão se formando docentes. Todas as suas projeções são nesse sentido. Há uma identificação e, por que não dizer, uma construção de identidade docente. Essa construção, iniciada antes mesmo da entrada no curso, continua em transformação, como algo quase permanente: o desenvolvimento contínuo da identidade docente.

Para Josso (2010, p. 205), o “[...] processo de formação designa um conjunto de transformações realizadas pelo sujeito tanto sobre si mesmo (naquilo que chamamos de vida interior) e na sua relação consigo mesmo quanto nas suas interações sociais [...] com o meio [...]”. Essas transformações se fazem constituintes do ser docente inacabado, reflexivo e em construção permanente.

4. Projeções: um futuro de sonhos

Na quarta e última categoria, discorreremos sobre as projeções dos licenciandos, o futuro entrelaçado por sonhos.

Sobre isso, Karev relata que “[...] apesar dos problemas, quero terminar o curso e quem sabe ser um professor ou trabalhar nessa área no futuro [...]”. Joey, diz “[...] pretendo ser um bom professor futuramente [...]”. Derek conta que “[...] esse é o curso que quero lecionar, Inglês é o meu sonho [...]” e, ainda, acrescenta “[...] tenho o plano de fazer a diferença em mudar a realidade da língua inglesa na educação brasileira, é algo que me inspira todos os dias [...]”. Frida sonha com algo a mais: “[...] pretendo ser doutora e trabalhar na área da educação [...] afinal sonhar não custa nada, esse dia há de chegar, pois esse é o meu desejo para o futuro, me tornar uma profissional realizada, amável e de grande competência [...]”. Marie também relata sobre si mesma e conta que sonha com a docência “[...] costumo sempre compartilhar o quão belo é o meu curso, isso é formidável, pois mesmo ainda estando no começo dessa grande jornada me engajar em um curso de licenciatura me fez vê o ‘professor’ com outros olhos, tenho muitos objetivos e sonhos nessa área [...]”. Lisa, retoma o sonho de infância de ser uma professora “[...] a minha construção enquanto docente depende de como irei lidar com as adversidades, à disposição para a edificação do meu ‘ser docente [...]”. Megan, também relata que sonha com a docência “[...] quero ser fonte de inspiração para os meus futuros alunos, ao narrar a minha luta diária para chegar até a universidade. Não como forma de ganhar mérito, mas para mostrar que todos nós somos capazes de conquistar os nossos sonhos, basta lutar por eles [...]”. A discente ainda coloca que “[...] sempre sonhei em ingressar em uma universidade e obter um diploma para presentear meus pais [...]”. Lea diz que sonha com a docência “[...] sempre tive o sonho de ingressar em uma faculdade, um dos objetivos é conseguir um trabalho e poder ajudar financeiramente a meus pais e retribuir tudo o que eles fizeram por mim [...]”.

Os sonhos, as projeções, os projetos de si são fundamentais para vivermos. Não podemos nos dar o luxo de não projetar. A beleza que as narrativas apresentam está nesse

reconhecimento do hoje, mas na perspectiva de projetar-se. Num movimento epistomobiopolítico do qual nos fala Pineau (2010). Pela narrativa de si, na autoria de suas cartas, sem nenhum tipo de restrição, os discentes sonham e se projetam no futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela decisão de colocar seu próprio caminho acima de todos os outros, já realizou grande parte de sua designação salvadora. Ele excluiu de sua via a validade de todos os outros caminhos. Ele colocou a sua lei acima de todas as convenções, afastando de si o que não apenas deixou de impelir o grande perigo, mas até mesmo o provocou. As convenções são, em si mesmas, mecanismos sem alma, que nada mais podem abranger do que a rotina da vida. A vida criadora fica sempre acima da convenção (JUNG, 2011, p. 191).

Jung nos provoca a pensar e ser além da convenção. Escrever sobre si, num ambiente institucional é, de certo modo, romper com a convenção normatizada, ao tornar-se autor sem medo de escrever e projetar-se como docente em formação e futuro docente. Na ponderação sobre as narrativas autobiográficas apresentadas pelos licenciandos pudemos conhecer melhor, em suas perspectivas, a sua formação docente. As cartas permitiram a afloração da autoria e do protagonismo no seu processo também de formação, na medida em que puderam resgatar seus percursos e percalços no curso e, ao mesmo tempo, apresentar suas perspectivas de vida acadêmica e pessoal. O que nos contam de suas vivências na universidade? Como se apresentam a si mesmos no futuro? Quais projeções fazem de si? O que destacam em suas escritas? Essas escritas podem nos ajudar a pensar a formação docente? Foram especulações que impulsionaram esse trabalho.

O objetivo foi o de identificar e categorizar, a partir da escrita de si dos discentes das licenciaturas em Letras Inglês, Português e Libras, elementos que contribuíram para compreender seus percursos vividos na universidade, os desafios enfrentados e as perspectivas profissionais. A pesquisa foi desenvolvida com a seleção de oito cartas para leitura e análise identificando conflitos, desejos e dificuldades, realizando a categorização das narrativas, e analisar o que nos contam os estudantes sobre o processo a partir da escrita de cartas.

Dos achados destacamos:

O que nos contam de suas vivências na universidade?

Os licenciandos contam suas dificuldades, desafios referentes ao acesso à universidade, tanto para a aprovação no ENEM, quanto para a permanência no curso. São dificuldades inerentes ao acesso físico, ao acesso com qualidade dos conteúdos e a apropriação de conhecimentos ao longo dos seus percursos.

Como se apresentam a si mesmos no futuro e quais projeções fazem de si?

Se apresentam como docentes, o que demonstra saber e ter consciência da sua formação para atuação na educação. Se projetam como bons, sensíveis e humanizados docentes. Com condições de melhorar a vida de suas famílias e ao mesmo tempo poder dar orgulho com a possibilidade de ter os seus diplomas no ensino superior.

O que destacam em suas escritas? Essas escritas podem nos ajudar a pensar a formação docente?

Destacam medos, anseios, angústias, vitórias, alegrias e aprendizagens. Se pensarmos na perspectiva de legitimação e dignidade no respeito para com as suas experiências, podemos dizer que suas escritas contribuem para a formação docente na medida em que apontam os desafios de acesso e permanência na universidade. Há uma necessidade latente pelo reconhecimento das histórias pessoais e das características do público que cursa as licenciaturas no Semi-Árido. São pessoas que lutam pela sobrevivência, inclusive no meio acadêmico. Desconsiderar tal aspecto pode ser motivador de evasão ou de sofrimento psíquico ao longo do curso.

O objetivo da pesquisa foi alcançado?

Consideramos que sim. Visto que, por meio da análise das cartas, foi possível criar categorias analíticas que mapearam fatores que impactam na vida dos licenciandos: 1. *Jornada acadêmica: dificuldades em acompanhar o curso, desafios, obstáculos e inseguranças*; 2. *Família: entre motivações e desmotivações*; 3. *Docência: sonho de ingressar e de finalizar a graduação*; 4. *Projeções: um futuro de sonhos*.

Com relação a primeira categoria observamos nas narrativas dos licenciandos suas jornadas acadêmicas, suas trajetórias, suas dificuldades, percalços e percursos como também desafios, obstáculos e inseguranças. Na segunda categoria que trata sobre família: motivações e desmotivações, tivemos memórias familiares como o suporte emocional ou como desmotivações a partir de críticas pela escolha do curso. Tivemos como motivações o desejo de mudanças e transformações na educação, como desmotivações foram indicadas, principalmente, as críticas feitas por parte de pessoas queridas, limitações, frustrações e dificuldades. A terceira categoria, por sua vez, apresenta questões relacionadas à docência: sonho de ingressar e finalizar a graduação. As narrativas nos demonstram que os graduandos estão compreendendo a docência em suas vivências e experiências na universidade, como início em uma nova língua, seja ela Portuguesa, Inglesa ou a Língua Brasileira de Sinais, bem como

elementos culturais destas e dos seus usuários, assimilação e atuação de si mesmo, como, futuros profissionais em formação. Por fim, na quarta categoria temos as projeções profissionais e um futuro de sonhos. Nessa categoria os colaboradores da pesquisa projetam o caminho que vão trilhar e um futuro com grandes realizações e promessas cumpridas. Acreditamos que as narrativas autobiográficas ajudaram ao licenciando a se projetar em um futuro não muito distante e se projetar num futuro de sonhos e superações.

Por fim, entendemos que as escritas de si são mecanismos profícuos na formação docente e contribuem, por um lado, para estimular a autoria na universidade, e, por outro, para processos de ressignificações da própria vida, pela narrativa de si.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **LEI N° 10.436**, de 24 de abril de 2002.

_____. **LEI N° 1.1773**, de 28 de novembro de 2016.

_____. **LEI N° 13.146**, de 6 de julho de 2015

_____. **Declaração de Salamanca**, 1994.

_____. **Decreto N° 5.626**, de 22 de dezembro de 2005.

CORDEIRO, Fátima Neilena da Fonsêca. **Narrativas (Auto)Biográficas: A contribuição do PIBID na construção dos saberes e práticas para o ensino de história**. 2018.TCC (Pós-Graduação) Programa de Pós-Graduação em Ensino-Posensino. Mussoró - RN. 2018.

DEREK. **Carta**. Agosto de 2018.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 52ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FRIDA. **Carta**. Agosto de 2018.

JANAINA. **Narrativas (auto)biográfica**. Caraúbas, 2019.

JERRI. **Narrativas (auto)biográfica**. Caraúbas, 2019.

JOEY. **Carta**. Agosto de 2018.

JOSSO, Marie Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **Escritos diversos**. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KAREV. **Carta**. Agosto de 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte, MG: Autêntica editora, 2018.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** Campinas- SP, n.19, p. 20- 28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

LEA. **Carta**. Agosto de 2018.

LEANDRO. **Narrativas (auto)biográfica**. Caraúbas, 2019.

LISA. **Carta**. Agosto de 2018.

MARIE. **Carta**. Agosto de 2018.

MEGAN. **Carta**. Agosto de 2018.

NÓVOA, Antônio. Educação assumiu muitas tarefas. É o fenômeno da escola transbordante. **Nova Escola**, v. 256, out. 2012.

OMOTE, Sadao. Inclusão escolar e social: a ética entre o estigma e a inclusão. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos; PIRES, Gláucia Nascimento da Luz; PIRES, José. **Inclusão escolar e social: novos contextos, novos aportes**. Natal/RN:EDUFRN, 2012, p. 39-54.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (Auto)Biográfica em Educação. Princípios epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica. In: VASCONCELOS, Maria de Fátima Atem (org). **Em torno da noção de alteridade (2011)**.

PAVIANI, Jayme. **Problemas de Filosofia da educação**. 4ª ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 1988.

PINEAU, Gaston. A (auto)formação no decurso da vida: entre a e a ecoformação. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

ROCHA, Simone Maria da. Cartas na aurora da formação: entre leituras e escritas de si. In: GRAZIOLI, Fabiano Tadeu; SILVA, Francisco Vieira da. **Leituras sobre a leitura: ponderações transversais nos estudos da linguagem**. Campinas, SP: Pontes, Editores, 2019, p. 61-78.

_____. Experiências narradas e vividas por professoras no hospital e na classe hospitalar. In: ARAÚJO et al. **Pesquisas em Educação: implicações nas práticas educativas**. Teresina: Edufpi, 2017, p. 181-204.

SARAMAGO, José. Biografias, In: **O caderno de Saramago**, 22 de setembro de 2008. Disponível em: <https://caderno.josesaramago.org/> . Acessado em 03 de Fev de 2019.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos**. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2002.